

A crítica nietzscheana à ordenação religiosa do mundo

Nietzsche's criticism of the religious order of the world

Glauco dos Santos Silveira¹

Lidiane da Silva²

Marcos Felipe Vital da Silva³

Resumo: Nietzsche, em sua filosofia, dedicou especial interesse e críticas às religiões em geral, em particular ao Cristianismo, vista por ele como o triunfo de uma moral considerada inferior à “moral” ou “ordenamento” passível de ser construído mediante a aceitação da “vontade de potência”. Filólogo de formação, a filosofia da linguagem é parte constituinte e basal de sua obra, através da qual toda sua visão do mundo (e, por conseguinte a visão do mundo da humanidade, seguindo o princípio nietzscheano) pode ser construída. Este artigo apresenta de forma geral a crítica de Nietzsche ao discurso e à ordenação religiosa do mundo, principalmente a cristã.

Palavras-chave: Nietzsche. Filosofia da Linguagem. Cristianismo. Religião.

Abstract: Nietzsche, in his philosophy, devoted special interest and criticism to religions in general, in particular to Christianity, which he saw as the triumph of a morality considered inferior to the "moral" or "ordering" that could be constructed through the acceptance of the "will of

Artigo recebido em: 29 out. 2017

Aprovado em: 21 dez. 2017

¹ Cientista Social pela Universidade Federal do Ceará, graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória.

² Psicóloga pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre, especialista em Atenção Psicossocial em Saúde Mental pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre (FAFIA), Pós-graduada em Psicologia Hospitalar e da Saúde, pela Faculdade Cândido Mendes e mestranda em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória.

³ Biólogo pelo Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO - RJ) e mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória.

power ". A philologist of formation, the philosophy of language is a constituent and basal part of his work, through which his entire world view (and therefore the worldview of humanity, following the Nietzschean principle) can be constructed. This article presents in a general way the criticism of Nietzsche to the discourse and religious ordering of the world, especially the Christian one.

Keywords: Nietzsche. Philosophy of Language. Christianity. Religion.

Introdução

A filosofia de Nietzsche é uma filosofia controversa por questionar o ordenamento que os seres humanos em geral dão ao próprio mundo em que vivem⁴. Partindo de uma base lingüística, presente em sua filosofia, é possível traçar o caminho que um dos “mestres da suspeita”⁵ traçou para questionar a sociedade ocidental, que segundo sua visão estaria fundamentada em uma “moral fraca”, de “escravo”, que é a moral presente no (e propagada pelo) Cristianismo.

A partir da filosofia da linguagem presente em sua obra, esse caminho será traçado, de maneira a que esse artigo possa contribuir para a compreensão da crítica de Nietzsche ao Cristianismo, que em linhas gerais pode ser extrapolada a qualquer religião que se fundamente no metafísico.

1. Filosofia da linguagem

O princípio do caminho que será traçado neste artigo será efetuado pela linguagem. Para que se possa dar continuidade, é preciso entender que na realidade construída, deve haver uma diferenciação entre a “coisa em si”, entendido esse princípio como o objeto material, e o “fenômeno” (entrementes a “coisa para o sujeito”), entidade essa apreendida pelo ser humano não de forma pura, mas somente pelo filtro da linguagem⁶.

⁴ Estes termos foram utilizados primeiro por Kant, mas adotados posteriormente por Schopenhauer, principalmente aplicados na obra “O mundo como vontade e representação”. É conhecida a influência de Schopenhauer na filosofia de Nietzsche.

⁵ GANGNEBIN, Jeanne Marie. *Uma filosofia do cogito ferido*: Paul Ricoeur. In: Revista Estudos Avançados, n^o 11. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n30/v11n30a16.pdf>. Acesso em 12/10/2017.

⁶ Sobre isso ver ITAPARICA, André Luis Mota. *As objeções de Nietzsche ao conceito de coisa em si*. In: Revista Kriterion, n^o 128, pp. 307-320.

Acerca disto, na filosofia nietzscheana, podemos ver o que diz Paulo Ghiraldelli Júnior:

Ele toma como pressuposto que a linguagem se desenvolve à medida que o homem deixa de ser guerreiro, selvagem, e passa a viver em uma situação de paz, em comunidade. Vivendo socialmente, o homem cria a linguagem. A linguagem constitui-se de modo tal que, pela própria estrutura de suas regras gramaticais, seus usuários operam, obrigatoriamente, com o modelo que leva os enunciados [aquilo que falamos] a mostrar um *sujeito* que desempenha uma *ação*. O sujeito, segundo tal relato, não é uma estrutura ontológico-metafísica. Ele é, sim, *apenas* e *tão-somente* uma estrutura linguística, um elemento de comunicação que se desenvolve pelo imperativo da vida gregária [em um local fixo]. Mas no decorrer do uso da linguagem, o homem, cada vez mais, substancializa metafisicamente tal elemento linguístico. Passa a acreditar que o sujeito é uma entidade ontológica.⁷

Partindo desse pressuposto, poder-se-ia afirmar que todo o mundo é ordenado mediante a linguagem, e, por conseguinte, o “mundo fenomenológico” só existe enquanto construção lingüística para o indivíduo. Tal mundo, baseado no mundo físico, mas intermediado pela linguagem está, por isso mesmo, sujeito às idiossincrasias típicas da linguagem, que varia não só por sua evolução natural, mas pela própria história de vida do sujeito⁸.

Sobre isso Nietzsche fala:

Devemos usar “causa” e “efeito” apenas como *conceitos* puros, como ficções convencionais, para fins de terminologia, de compreensão, e *não* de explicação. No “em si” não há “elos causais”, nem “necessidade”, nem “ausência de liberdade psicológica”. O efeito aí não segue a causa. Aí não reina “lei” alguma. *Nós* é que inventamos as

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v54n128/O3.pdf>. Acesso em 12/10/2017.

⁷ GHIRALDELLI JR., Paulo. *Caminhos da Filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 61.

⁸ Essa discussão sobre a linguagem, vivência do indivíduo e cultura aparece em em DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é realidade*. 7ª Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990

causas, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, o constrangimento, o número, a lei, a liberdade, a motivação, a finalidade. Sempre que introduzimos, que misturamos nas coisas este mundo de sinais como se existisse um “em si”, não procedemos diferentemente do que sempre procedemos, ou seja, *mitologicamente*.⁹

Logo, para Nietzsche, toda a ordenação de mundo a que os seres humanos se sujeitam (inclusive no aspecto científico) são na realidade construções humanas advindas da ilusão, oriunda do uso da linguagem, do indivíduo considerar fenômeno como coisa-em-si¹⁰. O “mundo em si”, “físico” (em oposição ao metafísico) não segue tal ordenação. Ele simplesmente existe. Ou como coloca Nietzsche:

É verdade que poderia existir um mundo metafísico; dificilmente poderemos contestar a sua possibilidade absoluta. Olhamos todas as coisas com a cabeça humana, e é impossível cortar essa cabeça; mas permanece a questão de saber o que ainda existiria do mundo se ela fosse mesma cortada. Esse é um problema puramente científico e não muito apto a preocupar os homens; mas tudo o que até hoje tornou para ele *valiosas, pavorosas, prazerosas* as suposições metafísicas, tudo o que as criou, é paixão, erro e auto-ilusão; foram os piores, e não os melhores métodos cognitivos, que ensinaram a acreditar nelas.¹¹

E também, no aforismo 11 de “Humano, demasiado humano”, Nietzsche pontua:

A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e

⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 51.

¹⁰ ITAPARICA, André Luis Mota. *As objeções de Nietzsche ao conceito de coisa em si*. In: Revista *Kriterion*, n° 128, pp. 307-320. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v54n128/03.pdf>. Acesso em 12/10/2017.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008. p. 19.

nomes de coisas como em *aeterna veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou, isso sim, exprimir como as palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência.¹²

Logo, o “mundo-em-si” não possui ordenamento algum. Esse ordenamento e sentido é estabelecido pela linguagem, que estabelece um mundo paralelo, metafísico (no sentido mais puro do termo¹³) e que se torna o mundo do indivíduo. Sendo esse mundo ordenado construção lingüística, aspectos como “causa” e “efeito” (como já mencionado antes) não se aplicam. O mesmo pode ser dito acerca de juízos de valor ou morais, como “bom” ou “mau” e “bem” ou “mal”. Acerca disto será falado com mais profundidade na próxima sessão.

2. Crítica à moral (escrava)

Para que se entenda porque Nietzsche dirige críticas à moral cristã, cabe antes entender o que Nietzsche expressa em sua filosofia como sendo *Vontade de Potência*.

Em linhas gerais, será colocado nesse artigo *Vontade de Potência* como sendo uma *Vontade de Existência*¹⁴. A *Vontade de Potência* seria então a luta para sobreviver, para se perpetuar. Embora seja considerada em muitos aspectos como uma espécie de força – e, portanto, sem propósito¹⁵ – a *Vontade de Potência*

¹² NIETZSCHE, 2008, p. 20, 21.

¹³ Metafísica é uma construção grega, vem das partículas *meta* (“além de”) e *phísis* (“natureza”).

¹⁴ Entretanto, tanto na obra de Nietzsche como aqui, “*Vontade de Potência*” não se restringe tão-somente ao aspecto biológico. “*Existência*” aqui não abrange apenas o caráter bio-físico-químico, mas qualquer disposição necessária para a existência, como a psicológica, por exemplo.

¹⁵ Não cabe aqui a discussão da construção do conceito de forma aprofundada, mas usaremos apenas possíveis manifestações dele na vida prática. Para aprofundar a discussão da construção do conceito e o que é a *Vontade de Potência* em si de maneira mais refinada, sugerimos os excelentes artigos REGINSTER, Bernard. *Ressentimento, poder e valor*. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.1, p. 44-70, 2016. e MARTON, Scarlett. *O Eterno Retorno do Mesmo*, “a concepção básica de

ordenaria (ou destruiria) muitas coisas pela ação conjunta do ser humano (inclusive sua construção de mundo).¹⁶

Sendo a Vontade de Potência uma força, ela não está condicionada a termos como “bem” ou “mal” ou “bom” ou “mau”. O único mal seria negar sua ação. E aí é que se inicia o “problema” da moral cristã.

A Vontade de Potência age de maneira a reforçar a vida, principalmente o que diz respeito ao natural. O Cristianismo (na visão de Nietzsche) nega essa paixão pela vida próprio da Vontade de Potência. Com seus inúmeros preceitos, nega a natureza do homem (único aspecto tangível e perceptível ao ser humano) em favor de um mundo metafísico. Assim, o homem não se realiza como tal em favor de um dever que pode ou não existir.

Em *Genealogia da Moral*, na “Terceira Dissertação” aparecem suas críticas ao ascetismo, não só religioso, como propagado pela filosofia e até por outras instâncias (no primeiro aforismo da Primeira Dissertação sua crítica se dirige aos psicólogos ingleses, por exemplo¹⁷. Críticas a várias outras ciências aparecerão durante toda a obra. Seu direcionamento, porém, aos ideais ascéticos aparece de maneira mais clara na terceira dissertação), que seria justamente a negação da Vontade de Potência, que no homem ecoa por sua própria natureza.

Mas por que o homem aceitaria a negação de uma força natural que o impele a crescer e ser forte e o conduz a preservar a própria existência? Será observado que não há negação da Vontade de Potência em linhas gerais. O que ocorre é seu desvirtuamento.

Nietzsche em vários momentos expõe o motivo. O veremos falar, por exemplo, em *Genealogia da Moral*:

O que significam ideais ascéticos? [...] para os sacerdotes, a característica fé sacerdotal, seu

Zarathustra”. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.2, p. 11-46, julho/setembro, 2016.

¹⁶ Sobre essa última afirmação nos vem a mente a excelente colocação exposta por Mauro Araujo Sousa: ao discorrer sobre um grafite no qual aparece as frases “Deus está morto. Assinado: Nietzsche” e abaixo: “Nietzsche está morto. Assinado: Deus”. Essa última parece ser o triunfo do Deus metafísico. Mas sabe-se quem escreveu a primeira frase. Deus não escreveu a segunda. Neste aspecto a segunda (assim como a primeira) são manifestações da Vontade de Potência. Então, ao invés de negar a filosofia de Nietzsche, o grafite a reforça. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2007. pp. 22, 23.

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 15, 16.

melhor instrumento de poder, e “suprema” licença de poder; para os santos, enfim, um pretexto para a hibernação, sua *novíssima gloriae cupido*, seu descanso no nada (“Deus”), sua forma de demência. Porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui*: *ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o nada a nada a querer*.¹⁸

Em *Crepúsculo dos Ídolos* ele sintetizará o argumento da seguinte forma: “tendo seu *por quê?* da vida, o indivíduo tolera quase todo *como?*”¹⁹. Logo, a Vontade de Potência continua agindo na ordenação desse mundo metafísico criado pelo sujeito a partir da linguagem. Um mundo, porém, que nega a própria ação da Vontade de Potência embora dela se valha. Se a Vontade de Potência, por exemplo, exalta a força e o poder, na sua versão corrompida, ela defenderia os mais fracos e a igualdade, como ocorre no Cristianismo²⁰. Nietzsche colocará em todo o livro *Genealogia da Moral* que o Cristianismo distorceu os conceitos de “bom” e “mau” (vistos antes como aquilo que era considerado como tal pelos fortes) e inverteu o preceito (que se coadunava com a Vontade de Potência) exaltando a fraqueza e o fraco. Deixou de lado a moral dos vencedores (romanos no caso) e exaltou a dos fracos (os judeus, submissos, e os cristãos, perseguidos)²¹. O homem nega a ação real da Vontade de Potência porque reconhecê-la positivamente como tal resultaria na negação da moral dos fracos e assim, do Deus que supostamente a promove ou, por outra via, do reconhecimento da inexistência de um deus no mundo natural e assim, por sua vez, de uma moral que por ele seria sustentada. De um modo ou de outro, o mundo como esse homem o vê – ordenado por um deus, com um propósito, com categorias, juízo de valor – se dissipa. É melhor antes então, para esse homem, “querer o nada (“Deus”) a nada querer”. Tendo seu “por quê” para o mundo, ele se ocupará depois do “como”.

¹⁸ NIETZSCHE, 2009. p. 80.

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *O Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 11.

²⁰ Ou na democracia. Sobre essa discussão ver HATAB, Lawrence J. *A vontade de Potência e a Política Democrática*. Cadernos Nietzsche. Guarulhos; Porto Seguro. V. 36, n^o 2. pp. 219-252. 2015

²¹ NIETZSCHE, 2009. pp. 19-25.

3. Um entrave ao advento do “além do homem”

Se ao negar Deus²² por uma via ou por outra (seja pela via da linguagem, ou da Vontade de Potência) o homem poderá acabar por destruir seu próprio mundo, seria de se esperar compreensão do filósofo de que aquele use da Vontade de Potência para mantê-lo. Mas não é isso o que ocorre. O homem, na visão de Nietzsche, pode ir além. Além do bem e do mal. Ele pode criar seu próprio mundo. Se “Deus morreu”²³, cabe ao homem tomar para si as rédeas de seu destino e criar um mundo novo onde a Vontade de Potência, na forma mais pura, prevaleça. Tarefa difícil? Sim. Mas ele diz: “Vós me dizeis: ‘a vida é um fardo pesado’. Mas para que serve esse vosso orgulho pela manhã e essa resignação à tarde? A vida é um fardo pesado, mas não vos mostreis tão delicados. Todos não passamos de belos jumentos e belas jumentas de carga”²⁴.

Nesse aspecto, a moral religiosa realiza um desserviço, pois distorce a visão do homem do que ele poderia ser e o conduz a ser menos do que é. “O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem²⁵. Uma corda sobre o abismo”²⁶, diz o filósofo em *Assim falava Zaratustra*. O homem pode chegar a esse conhecimento, mas a religião o cega para tal. Assim o livro do filósofo acaba por ser “para todos”, pois ao reconhecer isso todos podem alcançar o além-do-homem que Zaratustra “prega”, mas é ao mesmo tempo “para ninguém” porque ninguém até então a não ser o próprio Zaratustra se encarrega de alcançá-lo e disseminá-lo. Ao

²² Deus aqui engloba um sentido bem mais amplo do a visão de deus judaico-cristã. Ela pode ser virtualmente expandida para qualquer religião onde a negação da natureza da Vontade de Potência esteja presente. Mantém-se no Cristianismo porque Nietzsche, sendo de origem alemã, de família protestante, ou seja, vivendo no mundo ocidental, a ele dirige suas maiores críticas.

²³ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret: 2004. pp. 105; 115, 116; 181, 182.

²⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Editora Escala, 2008. pp. 52, 53.

²⁵ Pode ser observado que na seção se fala de “Além do homem” e nessa citação aparece “super-homem”. O termo em alemão é *Übermensch*. É preferível a tradução “Além do homem” pois se refere tanto a uma superação do homem (entendido como tal pela limitação imposta pela moral da qual foi falado na seção anterior – processo chamado por vezes de *Transvaloração de todos os valores*), como pelo próprio caráter divino do qual tal homem se reveste por criar um mundo segundo sua imagem e semelhança.

²⁶ NIETZSCHE, 2008. p. 24.

falar ao equilibrista²⁷, parece haver uma inversão da ordem, pois sua platéia, apesar de chocada com a tragédia, não dá a ele maior importância. Ao consolá-lo em sua morte, Zaratustra diz que, apesar de não haver céu ou inferno e que, portanto, como o equilibrista diz, ele ser um “animal adestrado”, o equilibrista havia se superado por fazer do perigo seu ofício. Contextualmente, o equilibrista fizera mais do que a platéia que a ele não valorizara. Daqueles ali, ele poderia ter sido o mais próximo a alcançar o além-do-homem justamente por lhe ser natural o desafio e o perigo.

Ainda em *Assim falava Zaratustra*, na seção III, o “profeta” do além-do-homem já assinala a que veio:

Eu vos anuncio o super-homem. O homem existe para ser superado. Que fizestes para o superar? Até agora todos os seres criaram alguma coisa superior a si mesmos. E vós, quereis ser o refluxo desse grande fluxo e, em vez de superar o homem, preferis retornar ao animal? Que é o macaco para o homem? Uma zombaria ou uma dolorosa vergonha. E tal deve ser o homem para o super-homem: uma zombaria ou uma dolorosa vergonha. [...] Mesmo o mais sábio dentre todos vós não passa de um ser em desarmonia e um ser híbrido de vegetal e espectro. Acaso, eu vos disse para vos tornardes espectros ou plantas? Eis que vos anuncio o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que vossa vontade diga: seja o super-homem o sentido da terra! Eu vos exorto irmãos! Permanecei fiéis a terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supraterestrres. São envenenadores, quer o saibam ou não!”²⁸

É possível observar as colocações anteriormente feitas: a de que os “envenenadores” (isto é, os metafísicos, dentro os quais este artigo destaca os religiosos – voltaremos a isso adiante) o são como tais justamente por limitarem a possibilidade do advento do além-do-homem. Direccionam o homem (quer o saibam ou não) a ser uma entidade patética, que nega sua natureza, sendo então “um vegetal ou um espectro”. E que cabe ao homem criar algo superior a si, permanecendo fiel à terra (mundo da “coisa-em-si”, sem juízos de valor e ordenações) e seguindo o fluxo da Vontade de Potência que o conduz a tornar-se “além-do-homem”.

²⁷ NIETZSCHE, 2008. p. 29, 30.

²⁸ NIETZSCHE, 2008. pp. 22,23.

4. Crítica à metafísica

Na parte final da última citação, vemos uma crítica de Nietzsche dirigida aos “pregadores” do mundo metafísico. Sua crítica não se limita apenas ao aspecto religioso (na realidade, sua crítica se dirigirá a toda e qualquer metafísica²⁹), mas, como dito, vamos nos deter naquilo que consideramos essencial: a metafísica religiosa ocidental, da qual o Cristianismo é o exemplo mais evidente.

Nietzsche verá o Cristianismo como um “platonismo para o povo”³⁰. Isso significa que podemos ver no Cristianismo (assim como na metafísica platônica) a dualidade entre mundo sensível e inteligível. Platão considerará que o mundo sensível é mera sombra para a realidade última, que é o mundo inteligível, o qual, por si só, daria ao mundo sensível (“material”) sua forma e razão de ser³¹.

Para Nietzsche, é aí que residirá o erro.

Ele colocará que a metafísica platônica negou o mundo sensível (único a que supostamente teríamos acesso) em favor de um mundo que possivelmente nem exista. Inverteu a ordem, ao valorizar a hipótese ao invés do real³². É sabido, também, que os “pais da igreja” (dos quais se destacam Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, mas é no primeiro que a atenção aqui deve se concentrar) recorreram a muitos aspectos da filosofia grega para a consolidação das bases teológicas da fé cristã³³. Logo, sua colocação se coaduna, e a crítica à metafísica arrasta consigo também a crítica à religião, pois, como colocado, o cristão rejeita a vida terrena em favor de uma vida melhor no céu³⁴.

Agostinho de Hipona, que nasceu no ano de 354 d. C. em Tagaste na Numídia, tentou elaborar uma aproximação entre a filosofia de Platão (razão) e o Cristianismo (fé) que constituiu a primeira grande síntese entre o pensamento cristão e a filosofia grega na patrística, nomeado de platonismo-cristão ou

²⁹ Como no caso da metafísica platônica, ou de instâncias que apelem a uma moral subjacente ao metafísico, como o imperativo categórico kantiano.

³⁰ NIETZSCHE, 2008. p. 31.

³¹ Sobre isso ver PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2009. pp. 206; 210-214.

³² Sobre isso veja novamente a citação vinculada à nota 13.

³³ LAW, Stephen. *Guia Ilustrado Zahar Religiões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. pp. 256, 257; 265, 266, 267.

³⁴ Como é possível ver em vários trechos da Bíblia. Confira, por exemplo, Evangelho de São Mateus, capítulo 6, versículos 19 e 20.

neoplatonismo³⁵. Agostinho cria na ação da alma sobre o corpo³⁶, sendo que esta concepção de homem provinha de Platão e foi conhecida por Agostinho, pouco antes de sua conversão ao Cristianismo, através de Plotino. No diálogo “Alcibiades”, Platão define o homem como uma alma que se serve de um corpo, e Agostinho mantém permanentemente esse conceito com todas as consequências lógicas que ele comporta. Para Agostinho, a alma presente em sua morada terrena, teria funções ativas em relação ao corpo: atenta a tudo o que se passa ao redor, nada deixa escapar a sua ação, já os órgãos sensoriais sofreriam as ações dos objetos exteriores, mas com a alma isso não poderia acontecer, pois o inferior não pode agir sobre o superior.

Este conceito da dualidade platônica foi cristianizado por Agostinho e permeou todo o pensamento cristão da Idade Média e posteriormente o da Reforma Protestante³⁷. As consequências práticas deste pensamento no Cristianismo foram a desvalorização do corpo físico (a prisão da alma segundo Platão) e a total repulsão de qualquer ato ligado a sensualidade (pecados ligados as obras da carne), pois cria-se que a verdadeira essência do ser humano estava em sua alma (ou espírito) e na sua expectativa de reino futuro no “paraíso”. O verdadeiro mundo dos cristãos, não consistia no terreno (sensível), mas sim no espiritual (similar ao mundo das ideias para Platão), o que acarretou muitos movimentos ascéticos entre cristãos ao longo da história.

Além disso, muitas correntes cristãs colocam que tudo que ocorre no mundo seria ação da vontade divina, cabendo ao homem, em alguns casos, pouca ou nenhuma ação para mudar sua própria realidade³⁸. Acerca disso, Mauro Araújo Sousa coloca:

³⁵ STREFLING, Sérgio. *A atualidade das confissões de Santo Agostinho*. Porto Alegre: Telecomunicação, 2007, p. 259-272.

³⁶ CIVITA, Victor. *Os pensadores, Santo Agostinho*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996, p.15.

³⁷ RIBEIRO, Lucas. *Cidade de Deus e Reino de Deus: um diálogo entre Agostinho e Lutero*. São Paulo: Conventit Internacional, 2014. Cemoroc-Feusp / Ppgcr-Umesp / IJI - Univ. do Porto.

³⁸ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 83, 84. No caso do calvinismo, especificamente, a ação do indivíduo para ser próspero só teria por fim confirmar sua predestinação ao céu. Logo, se por algum motivo fortuito esta não ocorre, sua confirmação da salvação não ocorreu. Algo que, por ser predestinado, por Deus já era sabido. Observe-se, contudo, que no caso de outras religiões (tome-se o hinduísmo por exemplo, com seus intrincado sistema de castas), essa resignação ao destino também ocorre – e portanto, segundo a filosofia

Ora, se ele combatia o idealismo da metafísica platônica que transformara este mundo em algo inferior e ilusório em nome da “verdade” de um mundo ideal, era hora, então, de inverter a situação para poder-se considerar a proposição de novos valores. Não é possível esquecer que, em outra obra sua, ele cita: “o Cristianismo é um platonismo para o povo”. Sua luta é contra a metafísica, contra os dualismos proporcionados entre corpo e alma, terra e céu, e assim por diante. É bom que se esclareça também que há uma grande diferença para o filósofo entre Cristo e o Cristianismo.³⁹

Logo, de que Cristianismo está-se a falar?
Em *O Anticristo*, Nietzsche declara:

Volto atrás, para relatar a *verdadeira* história do Cristianismo. A própria palavra “Cristianismo” é já um equívoco – no fundo só existiu um cristão, e esse morreu na cruz. O “Evangelho” *morreu* na cruz. Aquilo a que desde então se chamou “Evangelho” era o contrário do que o Cristo havia vivido: uma “má nova”, um *Dysangelium*. É falso até a estupidez o ver numa “fé”, neste caso a fé na salvação por Cristo, o sinal distintivo do cristão; só a prática cristã, uma vida tal como a viveu aquele que morreu na cruz, é cristã... Nos nossos dias uma vida *semelhante* é ainda possível e para alguns mesmo *necessária*: o Cristianismo autêntico, o Cristianismo primitivo será possível em todas as épocas... Não uma fé, mas uma ação, um *não fazer* certas coisas e, sobretudo, um modo diferente de *ser*...⁴⁰

Essa separação entre Cristo e Cristianismo figura-se essencial. Pois o filósofo o verá (a Jesus) como uma espécie de *idiota* nos moldes do Príncipe Mishkin de Dostoiévski, um profeta quixotesco que em sua bondade, pureza e, principalmente, ingenuidade, acabou na cruz ao tentar mudar o mundo.

Sobre tal concepção nietzscheana de Jesus, pontua Mauro Araujo Sousa:

aqui vista, também seria passível de crítica. Permaneça-se, porém, no Cristianismo.

³⁹ SOUSA, Mauro Araujo. Introdução. In. NIETZSCHE, Friderich. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 22.

⁴⁰ NIETZSCHE, 2007. pp. 73, 74.

Quem foi Cristo para o filósofo? Alguém que combateu e afrontou a hierarquia religiosa de sua época e que, em nenhum momento, deixou escapar os fariseus. Jesus Cristo fora alguém que criara um novo estilo para viver e que chocou-se com as doutrinas farisaicas. Ora, desse ponto de vista, Nietzsche não teria nada contra Cristo, pois colocou em questionamento toda uma cultura assentada numa cultura de rebanho, que o Cristianismo, esse sim, vai herdar. [...] O próprio Cristo, para o filósofo, não passa de alguém que foi bom demais, pacífico demais, mas questionador romântico que acabou, junto com sua “boa-nova” (o Evangelho em pessoa), pendurado numa cruz. [...] Que tipo de leitura, em suma, Nietzsche faz de Cristo? Uma pessoa boa que atravessou todas as lutas construindo aqui mesmo o seu “Reino dos Céus”.⁴¹

Em termos comparativos, Jesus teria sido um “além-dohomem” nietzscheano pelo seu questionamento dos valores colocados na época. Sua proposta de uma nova visão de mundo (reconhecendo que essa pode ser modelada pela cultura também, conforme o que foi discutido na seção “Filosofia da Linguagem”), na qual punha em xeque valores tradicionais da sociedade judaica, e a menção de que “O Reino de Deus está entre vós”⁴² coadunam essa visão. Nesse aspecto, Nietzsche e Jesus guardam entre si paralelos, pois ambos questionam os valores da sociedade em que vivem e a compreensão que esta tem do mundo como um todo⁴³.

Se Cristo é assim, então por que o filósofo critica o Cristianismo (além dos motivos já anteriormente dados), já que este supostamente advém daquele?

A resposta seria que, para o filósofo, Paulo (o apóstolo) institucionalizou o Cristianismo, colocando nele princípios do helenismo grego e todo um regramento moral que havia sido questionado por Jesus da tradição judaica. Logo, não se teria um Cristianismo, mas um “paulismo”. No aforismo 37 de *O Anticristo* Nietzsche diz:

⁴¹ SOUSA, Mauro Araujo. Introdução. In. NIETZSCHE, Friderich. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 28, 29;

⁴² Evangelho de São Lucas, capítulo 17, versículo 25.

⁴³ SOUSA, Mauro Araujo. Introdução. In. NIETZSCHE, Friderich. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 29.

O que nos separa não é o não encontrarmos Deus, nem na história, nem na natureza, nem por detrás da natureza; é, pelo contrário, o não experimentarmos o sentimento do divino respeito ao que é honrado como Deus, o descobrirmos como isso é lamentável, absurdo, nocivo, o ver nisso não só um erro, senão *um atentado à vida...* Negamos a Deus enquanto que Deus... se nos *demonstrassem* esse Deus dos cristãos, ainda acreditaríamos menos nele. Na fórmula: *Deus, qualem Paulus creavit, Dei negatio*⁴⁴. Uma religião como o Cristianismo, que não toca a realidade em ponto algum, que se desvanece no instante em que a realidade entra por um ponto qualquer na esfera dos seus direitos, tal religião será, com direito, o inimigo mortal da “sabedoria do mundo”, quero dizer, da “ciência” [...]. Paulo *compreendeu* que a mentira – que a fé – era necessária; e a Igreja⁴⁵ mais tarde compreendeu Paulo. Esse Deus que Paulo inventou, um Deus que “reduz a nada” a “sabedoria do mundo” [...] não é uma realidade, senão uma *decisão* atrevida de Paulo em chamar “Deus” à sua própria vontade [...].⁴⁶

Para o filósofo, Paulo distorceu o evangelho de Cristo, o condicionou à sua vontade, e usou da figura de Jesus, com o fim de sobrepor sua vontade pessoal em oposição à realidade do mundo. O filósofo inclusive incluirá entre os adversários do Apóstolo os médicos da época, naturalistas⁴⁷, que eram vistos pelo missionário como inimigos. Na visão do autor, o Deus paulino não passa de criação para a massificação e controle, fato reconhecido pela Igreja e por isso mesmo adotado.

Considerações finais

Neste artigo foi possível ver como, segundo a filosofia nietzscheana, com apoio da Filosofia da Linguagem, o mundo pode ser construído e ordenado por intermédio da linguagem. Nesse aspecto, ele se separa em duas instâncias: a coisa-em-si e o fenômeno, este último o mundo real, da coisa-em-si, construído no foro íntimo do indivíduo por meio da linguagem, e esta sendo

⁴⁴ “Deus, tal como Paulo o criou, é a negação de Deus”.

⁴⁵ A *instituição* “Igreja”.

⁴⁶ NIETZSCHE, 2007. pp. 85, 86.

⁴⁷ NIETZSCHE, 2007. Pp. 86 e seguintes.

atravessada pelas idiossincrasias que constituem o próprio indivíduo. Nietzsche explora essa característica da linguagem na relação indivíduo-mundo para apresentar a moral e a metafísica como construções lingüísticas ilusórias. O mundo-em-si não possui ordenamentos intrínsecos ou juízos de valor que lhe sejam naturais, sendo unicamente “direcionado” pelas transformações e relações advindas da manifestação de uma “força”, chamada “Vontade de Potência”. Esta, por sua vez, é negada em sua forma pura (que inspira à ação, à força, que nega a igualdade e a fraqueza) por uma moral religiosa que valoriza a igualdade, a fraqueza e a humildade e que desvirtua o forte e o desejo pela vida. É desvirtuada também por uma construção metafísica que valoriza um mundo inteligível (ou do porvir) em oposição ao mundo no qual a Vontade de Potência está presente e atuante. Por fim, foi visto que, para o filósofo, essa construção metafísica no mundo ocidental (uma vez que aspectos similares também poderiam ser encontrados em religiões orientais) encontra sua principal manifestação (também no aspecto moral) no Cristianismo, que longe de ser viver a doutrina de Cristo conforme o próprio Jesus colocou, é uma construção de Paulo, o apóstolo, no qual Deus é personificação de sua vontade, e ao invés de suscitar a crítica e o questionamento a uma cultura de massa e de subserviência, a reforça, a ponto de ser adotado pela Igreja institucionalizada.

Referências

CIVITA, Victor. *Os pensadores, Santo Agostinho*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é realidade*. 7ª Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990

GANGNEBIN, Jeanne Marie. *Uma filosofia do cogito ferido*: Paul Ricouer. In: Revista Estudos Avançados, nº 11. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n30/v11n30a16.pdf>. Acesso em 12/10/2017.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *Caminhos da Filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HATAB, Lawrence J. *A vontade de Potência e a Política Democrática*. Cadernos Nietzsche. Guarulhos; Porto Seguro. V. 36, nº 2. pp. 219-252. 2015

ITAPARICA, André Luis Mota. *As objeções de Nietzsche ao conceito de coisa em si*. In: Revista *Kriterion*, n° 128, pp. 307-320. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v54n128/03.pdf>. Acesso em 12/10/2017.

LAW, Stephen. *Guia Ilustrado Zahar Religiões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

MARTON, Scarlett. *O Eterno Retorno do Mesmo, “a concepção básica de Zarathustra”*. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.2, p. 11-46, julho/setembro, 2016

NIETZSCHE, Friderich. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret: 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Editora Escala, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

REGINSTER, Bernard. *Ressentimento, poder e valor*. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.1, p. 44-70, 2016.

RIBEIRO, Lucas. *Cidade de Deus e Reino de Deus: um diálogo entre Agostinho e Lutero*. São Paulo: Convent Internacional, 2014. Cemoroc-Feusp / Ppgcr-Umesp / IJI - Univ. do Porto.

SOUSA, Mauro Araujo. Introdução. In. NIETZSCHE, Friderich. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

STREFLING, Sérgio. *A atualidade das confissões de Santo Agostinho*. Porto Alegre: Telecomunicação, 2007.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2009